

DE PORTUGAL A MACAU
FILOSOFIA E LITERATURA NO DIÁLOGO DAS CULTURAS



Universidade do Porto. Faculdade de Letras

2017

Ficha técnica

Título: De Portugal a Macau: Filosofia e Literatura no Diálogo das Culturas

Organização:

Maria Celeste Natário (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)

Renato Epifânio (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)

Carlos Ascenso André (Instituto Politécnico de Macau)

Gonçalo Cordeiro (Universidade de Macau)

Inocência Mata (Universidade de Macau/ Universidade de Lisboa)

Jorge Rangel (Instituto Internacional de Macau)

Maria Antónia Espadinha (Universidade de S. José)

Editor: Universidade do Porto. Faculdade de Letras

Ano de edição: 2017

ISBN: 978-989-99966-9-4

O presente livro é uma publicação no âmbito das atividades do Grupo de Investigação Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.

MACAU, PÉROLA PRODIGIOSA: A COMPARAÇÃO COMO SAÍDA DE SI

Gonçalo Cordeiro

Université Paris Nanterre
200 Avenue de la République, 92000 Nanterre, França
+33 1 40 97 72 00 | g_cordeiro@sapo.pt

Resumo: Este artigo explora o motivo literário da pérola em *Curiosidades de Macau antiga*, de Luís Gonzaga Gomes, como expressão de um maravilhoso de cariz autóctone que remete Macau para o domínio do mito significante. Através da noção de curiosidade propõe-se uma leitura da representação de Macau como correlativo do encontro cultural, fazendo a transposição do desafio hermenêutico lançado pelo texto para a necessidade de uma resposta que passe pela abordagem intercultural dos estudos este/oeste.

Palavras-chave: curiosidade, Macau, pérola, comparação, heterotopia

Abstract: This article explores the literary motif of the pearl in *Curiosidades de Macau antiga*, by Luís Gonzaga Gomes, as an expression of a local marvelous genre that raises Macau to the realm of the significant myth. Through the notion of curiosity, we propose a reading of the representation of Macao as a correlative of cultural encounters, by transposing the hermeneutic challenge found in the text to the domain of a response that calls for an intercultural approaches as conveyed by east/west studies.

Key-words: curiosity, Macau, pearl, comparison, heterotopy

Entre as narrativas de *Curiosidades de Macau antiga* (1952), Luís Gonzaga Gomes integra uma breve história que tem por eixo central a descoberta inesperada de uma pérola no interior de um tronco que se destinava à construção de um navio. De carácter mais alegórico do que o tom afim do anedótico deixaria à partida entrever, o texto de “Pérola prodigiosa”, que não por acaso abre o volume, está construído como um relicário narrativo que encerra um tesouro unsuspeito. Para aceder a esse centro hermético é no entanto requerido ao leitor que atravesse o intrincado fio da realidade contada e das suas inverosimilhanças, estabelecidas em tensão entre dois planos textuais: o de um pretenso realismo factual (atento à toponímia, à referência, às coordenadas espaciotemporais) e o de um lirismo de contornos fabulosos e lendários, que se destacam como excrescência de realidade e que reclamam um acolhimento literário por parte do seu leitor.

Partindo da constatação ao nível do factual, a narrativa começa por criar um pacto de confiança com o seu leitor por meio de uma linguagem substantiva, assente numa lógica de causalidade explicativa, que o situa desde logo no plano de um universo de referências comum: “Em Macau, o lugar preferido pelos comerciantes chineses de madeira para armazenarem o seu material ocupa toda a orla da Avenida Marginal Almirante Lacerda. É, pois, neste sítio, que se encontram as chamadas estâncias de madeira” (7). O tema da curiosidade, porém, não demora a ser insuflado no texto, que assume desde logo o seu ascendente perante o leitor enquanto instância de instrução, que recupera o *topos* horaciano do *docere* literário:

O que nem todos sabem é a razão porque estes depósitos se encontram instalados à beira-mar. Esta preferência não é derivada, exclusivamente, do facto de a maioria da madeira aí armazenada ser utilizada para a construção de barcos; é, principalmente, devida ao facto de haver naquele local a facilidade de se poder guardar a madeira na água, visto que, para os chineses, a madeira torna-se tanto mais rija e consistente quanto mais tempo se conservar imergida na água salgada do mar. (7)

A narrativa vai explorar a passagem do geral para o concreto, do conhecido para o desconhecido, pela justaposição de um episódio específico na sequência desta introdução genérica, introduzindo uma alteração da ordem do que até então havia sido contado: “Um dia – já lá vão muitos anos – apareceu um indivíduo de nome Lâm-Kâm-Tái a encomendar um barco numa dessas estâncias-estaleiros”. É a

partir da escolha do tronco que se verifica uma alteração do *ethos* discursivo no sentido de uma progressiva acumulação de aspectos hiperbolizantes: “tão volumoso era este tronco”, “a maior serra e de mais apurado gume”, “tão largo espaço de tempo”. O registo anteriormente neutro dá lugar a uma retórica do *pathos*, conseguido por meio de uma hábil mistura entre o esforço extenuante do trabalho sobre o tronco, a resistência que este oferece e o sangramento do madeiro; a tensão narrativa descreve um traçado em gradação, recorrendo atingindo o clímax no momento em que o episódio provoca o grito de terror das personagens perante a monstruosidade da cena: “com o baque dum dos pedaços do tronco seccionado, saltou um estranho corpo que alagou o sítio com uma poça enorme de sangue” (8).

A história surpreendente de Gonzaga Gomes releva pois, como de resto as demais narrativas que integram o volume, da ideia de um maravilhoso de cariz autóctone que é capaz de descerrar, no plano superficial da realidade histórica de Macau antiga, as camadas calcárias de um precioso inaudito, em todo o seu excesso hiperbolizante, aberto à ocorrência do extraordinário no pano de fundo de um quotidiano longínquo: “já lá vão muitos anos”. Revela-se, nessa medida, produtiva a escolha do lexema “curiosidades” para contar, de um ponto de focalização aparentemente neutro e no tom discursivo de um contador de histórias, uma pequena crónica que investe sobretudo na brevidade da peripécia e na voluta narrativa para provocar o espanto dos seus interlocutores. O pacto ali tacitamente estabelecido é o da não anulação de um desejo de *realismo*, assistido pelo cuidado na preservação das marcas do real e do que nele destoa de incrível e de *fantástico*. Poder-se-á evocar com propriedade, a meu ver, estes conceitos a propósito do universo literário de Luís Gonzaga Gomes, bem como a sua produtiva associação. Se o *estranhamento* se implica na narrativa, ele resulta tanto mais reforçado quanto maior é contraste com a radicação local da acção e da acumulação de referências que instilam no leitor o *efeito de real*, cuja fórmula teórica é oferecida por Roland Barthes em “L’effet de réel” (1968), a propósito do barómetro de Flaubert. Na economia textual, nada existe de absolutamente supérfluo e até o excesso de detalhe deve ser integrado na estrutura, não como excrescência mas como fundamento orgânico dela. Apesar de em Luís Gonzaga Gomes não encontrarmos a acumulação descritiva que caracteriza o paradigma romanescos do

século XIX, o seu investimento ao nível da referencialidade textual permite-lhe produzir um efeito de contiguidade entre o mundo textual e o mundo referencial, sob a forma de intensificação da verosimilhança narrativa, que trazem o *narrado* para a ordem do *acontecido*.

A compreensão da experiência de leitura proposta por Gonzaga Gomes terá de passar ainda pela acomodação daquilo que nela remete para a esfera do metaempírico. A propriedade da referência ao fantástico, teorizado por Tzvetan Todorov em *Introduction à la littérature fantastique* (1970), deriva da relativa ambiguidade narrativa cultivada perante a estranheza do episódio, recusando a sua automática categorização enquanto sobrenatural, mas mantendo-o sempre refém da possibilidade. Convocando uma atmosfera psicológica que se abre à dúvida e à aparente impossibilidade, o texto cultiva uma forma de realismo que acaba por integrar a possibilidade de significação alegórica mas que acaba por solucionar essa tensão da sublimação significativa pela diluição racional do acontecido na esfera da realidade, por meio de um esvaziamento de deflação em anticlímax: “aquele corpo não era mais do que a cabeça dum monstruoso peixe” (8). O desfecho da narrativa de “Pérola prodigiosa”, contrabalança o *pathos* do horror da descoberta da pérola e do seu estranhamento por parte das personagens da história num movimento contrário de *bathos* que polariza aquele por via do cómico prosaico e da incorporação cómica da abjecção; o corpo glutinoso e nauseabundo que encerra a pérola acaba por servir de manjar às duas personagens que tinham permanecido impassíveis perante a perplexidade geral sentida pelos restantes: “mas os dois serradores, que tiveram tanta dificuldade em serrar o tronco e que ainda não tinham jantado, não se importaram com tais medrosos avisos” (8). Por meio de uma hábil estratégia retórica de oscilação entre inflação e redução do *pathos*, se procede deste modo a uma domesticação do *maravilhoso*, assim reduzido finalmente à mera categoria de *curioso*.

Embora pautada por uma retórica da causalidade, pelo léxico da plausibilidade, pela atenção ao detalhe, a história tronco ominoso que resiste à transformação em navio oferece, na verdade, um desdobramento narrativo que não perde contacto com a materialidade do tronco de madeira que está na sua origem. Na lógica que assiste ao texto de Gonzaga Gomes, o texto assume a função que permite à matéria da realidade extravasar da sua própria concha e contar-se a si própria, fazendo

ecoar pela prática da memória o que o ciclo da oralidade intergeracional perpetua, o que a aura de ancestralidade vem caucionar e o que a espectacularidade dramática da narrativa por sua vez faz por inculcar nos receptores. É, nesse sentido, relevante a referência feita à figura do contador de histórias, que perpassa a galeria de personagens das histórias de Gonzaga Gomes, nomeadamente em *Curiosidades de Macau antiga*: é a eles que se consagra o capítulo XXIII do livro, sob o título de “Narradores de histórias”. Segundo a caracterização feita, em jeito de notação etnográfica, tratar-se-ia de “indivíduos cobertos de andrajos, vislumbre do que outrora foram ricas véstias de seda”, em torno dos quais se aglomeravam “turbas de pessoas, espalhadas aqui e acolá, pelas praças públicas” (105). Esta prática corresponderia então a um gosto culturalmente arreigado de excitar a imaginação do povo chinês, “sempre propenso ao irreal e ao fantástico”, por meio “deste inofensivo divertimento, que passou a ser um dos seus maiores prazeres estéticos”. A brevidade e a natureza peripatética das histórias contadas vinha também ao encontro de um público incapaz de aceder à leitura literária de “novelas publicadas” da “velha literatura chinesa”, um género literário ali apresentado como interdito e de leitura árida, lacónica e intrincada, também por via das idiosincrasias da própria escrita chinesa. Foi a esta arte em vias de desaparecimento que se referiu Walter Benjamin, em célebre ensaio intitulado “The Storyteller: Reflections on the Works of Nicolai Leskov” (1968): a figura do *storyteller*, em qualquer dos três contextos de inscrição apontados por Benjamin (o marítimo, o rural, o urbano), seria afim da do professor e do sábio, um homem de conselho moral e exemplo de sapiência da qual os seus ouvintes poderiam beber. A sua autoridade recupera uma forma de experiência humana preservada pela transmissão oral e que contém a semente da sua própria preservação pelo modo como consegue suscitar uma resposta psicológica nos seus ouvintes: “the more natural the process by which the storyteller forgoes psychological shading, the greater becomes the story’s claim to a place in the memory of the listener, the more completely is it integrated into his own experience, the greater will be his inclination to repeat it to someone else someday, sooner or later” (1968: VIII).

Se a narrativa se coloca num lugar de rememoração da história dos lugares que ainda hoje reconhecemos (Macau, Avenida Marginal Almirante Lacerda), estas referências por sua vez reinvestem o texto de uma verosimilhança que torna o

mundo passível de revelar-se como lugar de assombro onde se ocultam riquezas improváveis. Um efeito de leitura irrecusável que daqui decorre é não só o da transfiguração de Macau enquanto lugar referencial como a sua incursão no domínio da esfera simbólica e do mito significante. É, nesse sentido, relevante considerar que a figura quede algum modo condensa imagetivamente a crónica é uma pérola. Esta configuraria a epítome de um acabamento estético, que por metonímia recupera precisamente a relação antonomásica de Macau com o rio das pérolas: Macau ocupa, na verdade, o lugar de pérola maior do texto ou, em clave gonzaguiana, a “pérola prodigiosa” da história e da fábula. Esta relação é evocada e prolongada em outros textos do mesmo volume, como “A Pérola claro-escuro” (capítulo XIX), onde encontramos um segundo artefacto pertencente à galeria museológica das curiosidades de Macau: radicada no universo da pesca, dos barcos, também esta narrativa contém uma gigantesca ostra, “rara preciosidade”, de “poder maravilhoso”, cujos efeitos são descritos da seguinte forma: “toda a sala ficou banhada de uma intensa luz que irradiava da parte rubra da pérola” (91).

Se aqui tenho recorrido ao imaginário evocado por Gonzaga Gomes, é por que ele, de alguma forma, me sugere a possibilidade de pensar Macau a partir da figura do *tertium quid*, esse terceiro elemento que é por excelência o lugar da comparação, aquele que se oferece como espaço intersticial entre os dois planos de que se perfaz e os quais excede, como parte da sua condição anfibológica. Macau é, por natureza, um lugar complexo que, “no âmbito das relações interculturais, participa da constelação” de referências portuguesas e chinesas (Simas 2007: xiii-xiv). A convocação desse terceiro *quê* neste artigo corresponde a uma tentativa de endereçar o lugar “curioso” ocupado por Macau, que persigo no rasto da titulação de Gonzaga Gomes: aquilo que pode a um tempo ser e não ser e que, no seu espaço geográfico, linguístico e cultural, inscreve ambas as possibilidades de concretização, excedendo-as e transvazando delas: Portugal e a China, a história e a fábula, a terra e o mar.

A radicação desta reflexão sobre Macau no âmbito comparatista justifica-se, a meu ver, pelo modo como a literatura comparada se tem assumido como um “saber de fronteira” numa lógica de não confinamento às fronteiras nacionais, como forma de superação do isolacionismo literário, num modelo goethiano de *Weltliteratur* ainda devedor da ideia de república das letras (século XVIII). A irradiação comparatista

estabelece-se ainda na aliança interdisciplinar com outros saberes, passando a descrever uma tendência anti-eurocêntrica, de deslocamento do eixo comparatista euro-americano, por meio da emergência dos estudos de leste/oeste,¹ que vieram actualizar as dialécticas permanentes de questionamento próprio, que Guillén colocara na fronteira entre local e universal, particular e geral, uno e diverso (1985).

A reflexão sobre Macau, que o texto de Gonzaga Gomes propõe através da configuração da pérola e da sua envolvente orgânica remete para a teoria da fronteira como lugar de separação e passagem, tensão e contacto, nos termos em que a concebe Lotman no contexto de uma semiótica da cultura (1998). Assinala Boaventura Sousa Santos que nenhuma cultura é autocontida (os seus limites não coincidem com os do Estado), do mesmo modo que nenhuma cultura é indiscriminadamente aberta (é antes feita de aberturas, prolongamentos, interpenetrações), na medida em que a cultura não é essência mas autocriação, uma permanente negociação de sentidos com base numa análise histórica do sistema de relações macroestruturais (1994:43). Neste sentido, parece-me significativo que, no texto de Gonzaga Gomes, o valor da pérola referida ali encontrada, já de si uma *myse-en-abyme* semiosférica da delimitação de espaços e de transição entre o dentro e o fora, conhecido e desconhecido, seja aferido pelo processo de *travessia da fronteira* da cidade, após o esforço de chegar ao núcleo do texto e ao seu corpo estranho (contido no interior do tronco, no peixe que dentro dele se aloja e, finalmente, no glóbulo da pérola): “como não conseguiram encontrar nesta cidade quem soubesse calcular o valor daquela preciosidade, os dois venturosos serradores partiram” (9). O recôndito textual é assim desterritorializado e avaliado a partir de fora, para depois regressar ao seu lugar de origem, o que de alguma forma nos sugere o modo como a comensurabilidade do humano se pensa em relação com outros fenómenos e outras escalas de valor. O mesmo se poderia dizer relativamente a outras narrativas que integram *Curiosidades de Macau antiga*, que tematiza este padrão sempre que remete para a

¹ Em termos da evolução desta área, podem destacar-se três fases distintas no âmbito da problemática da história das relações literárias e culturais entre Este e Oeste: “the eighteenth century, which we shall explore through the genre of European and Near Eastern travel narratives; the nineteenth century, in the context of the translation and adaptation of “oriental” texts and genres by European authors and the parallel adaptation of the European novel in the non-West; and the twentieth-century in the context of modernist (American and Russian) orientalisms as well as Asian anti-imperialist nationalisms” (Longxi XXX).

figura do estrangeiro e do visitante ou que refere a deslocação ao estrangeiro: a percepção do valor do que está *dentro* é sempre aferida de um ponto de vista relacional que pressupõe a sua polarização a partir de *fora*: refira-se, a título de exemplo, os casos de “A Areia preta”, “A Rocha dos cinco metais” ou “A Pérola claro-escuro”.

A pérola poder-se-ia assim dizer textualmente concebida como lugar e objecto de comparação. Parece-me de particular interesse a compreensão desse desafio hermenêutico e intercultural, proposto por Gonzaga Gomes, no quadro do ângulo teórico dos estudos de leste/oeste, de que seria possível tomar a barra como correlativo gráfico de uma tematização da fronteira e do contacto. A reflexão sobre o lugar da comparação terá, de algum modo, de pressupor o questionamento da ilusória linearidade das identidades culturais, padrões e afinidades literárias, num esforço que procura evitar o repositório de estereótipos auto-evidentes das diversas expressões culturais. São, porém, vários os perigos se assinalam nesta via, quando falamos de diálogo intercultural: a dicotomização contrastiva ou a anulação da diferença pela uniformização desreferencializadora não são os menores de entre eles. É uma breve excursão por estas questões que proponho na segunda parte deste ensaio, concebido em articulação com a leitura particular que vem sendo desenvolvida da narrativa de Gonzaga Gomes e que situo no contexto de uma reflexão que me parece fazer sentido quando se pensa o lugar de Macau no âmbito da lusofonia (desafio que está na base do trabalho que aqui veio a desenvolver-se) e o seu possível enquadramento em outras estruturas de relação conceptual que de algum modo desterritorializem uma discussão feita amiúde de um ângulo de perspectivação tendencialmente europeísta, contribuindo assim para a actualização do debate e para a abertura a outras formas de conceber esse quadro de relações.

Parece-me ser aqui de sublinhar uma das vozes que com mais lucidez se tem feito ouvir neste domínio, nomeadamente no contexto académico asiático, mas também à escala internacional; refiro-me ao trabalho do comparatista Zhang Longxi, que se tem batido pela crítica ao argumento da incomensurabilidade cultural no âmbito dos estudos literários, nomeadamente no debate em torno da *world literature*, marcando a agenda actual dos estudos de literatura comparada. Na defesa da necessidade de uma perspectiva transcultural que possa efectivamente

compreender e colocar em diálogo diferentes tradições literárias, Longxi tem procurado rebater tanto a falácia da representação colectiva por blocos conceptuais como a crítica da incomensurabilidade cultural, que redundava na exclusão mútua de Este e Oeste e numa ideia de intraduzibilidade etnocêntrica, chegando a servir de legitimação a formas de tribalismo ressurgente.

No volume *Unexpected Affinities. Reading across Cultures*, Longxi defende a perspectiva de que é possível “to engage in literary studies across gaps of languages and cultures” (2007: 7). A leitura de textos com diferentes origens e visões do mundo, não importa quão distintas possam ser entre si, permite a ocorrência de encontros culturais não apenas *em* encontros textuais, mas sobretudo *como* encontros textuais. Partindo do conceito de incomensurabilidade, postulado por Thomas Kuhn em *The Structure of Scientific Revolutions* (1962), Longxi adopta a facção continuista do debate em torno da revolução de paradigmas científicos e situa a questão no domínio do problema linguístico e dos seus intraduzíveis, mostrando que mesmo entre ptolomaicos e copernicanos era possível haver diálogo e compreensão. O argumento do seu livro recusa, portanto, o postulado descontinuista de que “no comparison is possible between two opposites”, classificando o paradigma da incomensurabilidade como falácia de incoerência lógica. Diz Longxi: “to recognize two things as opposites presupposes a shared context within which they become recognizable as opposites in comparison” (2007: 9). O argumento conduzido por Longxi tem particular efeito sobre a oposição esquemática entre Ocidente e Oriente, nomeadamente a China, que segundo o autor representaria “a reverse image of whatever the West is thought to be [...] the farthest away from the West culturally as well as geographically [...] a culture totally developed outside the sphere of Greco-Roman influence” (2007: 11). Este pensamento, que tem inscrito na sua matriz o quadro matricial do Ocidente, decorre de uma perspectiva exclusivista que pensa a Europa a partir de fora e encontra na China a polaridade de uma imagem invertida, de que se torna o seu espelho contrastivo. Esta tese continua a fazer escola no âmbito de algumas representações antagónicas da China no pensamento ocidental, epitomizado na obra do sinólogo francês François Jullien, autor de *Le Détour et l'accès. Stratégies du sens en Chine, en Grèce* (1995). A concepção exotista de uma alteridade intercultural absoluta da China radicaria numa dicotomia fundamental,

um “comparatisme de la difference”, entre a filosofia grega, por um lado, e a sabedoria chinesa, por outro, que redundaria numa forma de incomensurabilidade, na leitura de Longxi.² A China de Jullien é para todos os efeitos a do lugar heterotópico, o de um contrastismo absoluto que ao *ser* opõe o *tornar-se*, à causa a tendência, à individualidade a colectividade, ao metafísico o natural, à liberdade a espontaneidade.³

A porta que nos abrem os estudos de East/West procura conduzir à via das afinidades: “assuming the possibility of common knowledge beyond fundamental differences”, na proposta enunciada por Longxi. Ao invés de universalismo de inspiração imperialista, é possível defender um paradigma igualitário e não supremacista, de que fala por exemplo Martha Nussbaum (1992), referindo-se a um essencialismo aristotélico que consistiria numa lista de traços fundamentais de valor humano intersubjectivo. Uma axiomática humanista não terá de ser hegemónica, se a aceitarmos como movente, partícipe de uma plurideterminação cultural e textual (o que não significa indeterminação ou relativismo). Torna-se distintiva, no seio deste debate, a não recusa destas questões como problemas de um horizonte de interrogação, que aqui teremos também de levar em linha de conta.

Em termos literários, a coincidência de formulações textuais e a similaridade inesperada em formas de expressão estética e cultural oferece ampla área de exploração, cujo interesse vem, como notou Claudio Guillén, do seguinte aspecto: “the lack of genetic relations, of mutual influences [which] is precisely what stimulates a whole series of practical and theoretical perplexities of great interest” (1993: 37). É o desafio que encontramos na análise de tópicos, segundo Longxi, como o da vida enquanto viagem ou peregrinação, metáfora conceptual comum a

² O mesmo tipo de dicotomia também pode ser encontrado do lado chinês também; veja-se, a título de exemplo, o trabalho de Chen Duxiu e Li Dazhou: “Eastern civilization advocates stasis, while Western civilization advocates dynamism [...] The East advocates synthesis, the West advocates analysis” (*apud* Longxi 2007: 15, 16).

³ Dois conceitos-chave actuaentes nesta lógica polarizante seriam o *logos* e o *tao*, que prolongariam o eixo desenhado entre filosofia e sabedoria em antinomias contrastivas como being/becoming, cause/tendency, analysis/synthesis. Se o primeiro corresponderia à busca de uma verdade que conduz ao ser, o segundo é antes de mais um caminho que nada tem a revelar. Ambos os conceitos estão à cabeça de tradições milenares do pensamento e oferecem uma leitura religiosa do mundo. É ainda profundamente revelador que ambos partilhem uma ambiguidade essencial: em *De Officiis*, o filósofo latino Cícero mostrava como *logos* é simultaneamente *ratio* (reason, o pensamento em si) and *oratio* (speech, a expressão do pensamento). Ora, esta distinção é também válida para o *tao*, de acordo com Longxi: “the Chinese word *tao*, which also represents the foremost Chinese philosophical concept, contains in one word the same duality of thinking and speaking” (1992: 27).

diferentes tradições literárias, sejam elas a da *Divina Comédia* ou a da *Jornada a Oeste*, que nos dão a oportunidade de experienciar a leitura como lugar de encontro de uma constelação de ideias, temas e motivos comuns em diferentes línguas e culturas.

O que dizer então da pérola como motivo actuante num imaginário literário que atravessa línguas e fronteiras? A forma como a pérola nos é apresentada no texto de Gonzaga Gomes remete para a esfera de uma transformação simbólica progressivamente diferida, por meio de efeitos de uma retórica do *pathos*, que parte da atomização e do atravessamento de múltiplas camadas de sentido em busca de um elemento essencial. Convém não perdermos de vista que o objectivo que está na origem do episódio da pérola é precisamente o da construção de um barco, um instrumento da saída de si que conduz por fim à *ex-tracção* da pérola do interior do tronco. Um relevante efeito quiasmático coloca tanto a pérola como o barco na categoria de produtos originários da madeira, essa matéria dúctil que simultaneamente produz a abertura ao mundo (navio) e a concentração sobre si (pérola). Será enfim a pérola que, como hipotético navio, em última instância, torna viável a história e conduz o leitor ao longo do curso aquático da narrativa, abrindo-o aos influxos das margens da realidade e das suas *impossibilia* fecundantes. É precisamente uma relação desse tipo que assinala Foucault, a propósito da ideia de navio como expressão de heterotopia:

le bateau, c'est un morceau flottant d'espace, un lieu sans lieu, qui vit par lui-même, qui est fermé sur soi et qui est livré en même temps à l'infini de la mer et qui, de port en port, de bordée en bordée, de maison close en maison close, va jusqu'aux colonies chercher ce qu'elles recèlent de plus précieux en leurs jardins [...] Le navire, c'est l'hétérotopie par excellence. (1984)

Peça miniatural da história e da geografia, a pérola prodigiosa é na verdade uma forma concentracionária de refração espacial e temporal que contém a alteridade na ipseidade e, nessa medida, permite a superação da linearidade espaciotemporal. O navio seria a expressão movente dessa forma de conter o mundo e de fazer-se museu dele pela justaposição de locais diferentes num único espaço heterotópico. Será também a pérola, no texto de Gonzaga, a oferecer o móbil para a saída de Macau: expressão da pura *curiositas* humana, a travessia e a transposição da fronteira constituem correlativos da busca de conhecimento e do encontro.

Reconheçamos ainda que, em diversas tradições literárias, a pérola se destaca pelo precioso, pela redondeza e acabamento da forma (“fermé sur soi”, como disse Foucault a propósito do navio), pela suavidade e leveza. Autores como Shakespeare e Keats recorreram à pérola como motivo literário susceptível de representação da lágrima, tendo o mesmo feito poetas como Li Bai, Bai Juyi. Li Shangyong (813-58), poeta da dinastia Tang, concebe mesmo a imagem da pérola que chora, oferecendo no poema uma forma de comentário auto-referencial e sugerindo uma comparação de base metomímica, pela dotação de sensibilidade humana à jóia mineral, operando nesse efeito a superação do ornamental na poesia e a conversão da emoção em linguagem como princípio poético. Não andamos muito longe de Alfred de Musset, para quem cabia ao poeta “faire une perle d’une larme” ou, em contexto português, do universo pessoano que recorre à dor como instrumento da criação poética (lê-se numa das suas quadras: “eu tenho um colar de pérolas/enfiado para te dar/as pérolas são os meus beijos/o fio é o meu penar”, onde que encontramos na pena a recondução da “dor fingida” de “Autopsicografia”). Com John Steinbeck, a pérola exprime os fulgores e opacidades da grandeza e da miséria humanas. Em Flaubert, “la perle est une maladie de l’huitre”, a obra literária surge como resultado da dolorosa ferida humana, apontando para a possibilidade de extracção do bem e do belo a partir do mal e do horrível. A literatura, como bem sabia Aristóteles, oferece campo vasto à ideia do trabalho sobre as secreções misteriosas da emoção e o seu efeito catártico.

A pérola prodigiosa de Gonzaga Gomes, por seu turno, participa de uma atmosfera de humores, de uma ambiência amniótica, sugerida também pela configuração espacial de Macau. A sua extracção é obtida pelo abundante sangramento do tronco, textualmente apresentado como “madeiro” e pela descoberta de um peixe que contém no seu interior o corpo estranho da pérola (no que a referência à pérola ganha um alcance religioso que remete para o sangue derramado na cruz, ou “madeiro”, por Jesus Cristo, referido em contexto do cristianismo primitivo como *ictus*, peixe, aquele que liga hipostaticamente dois mundos e duas naturezas). A pérola redime enfim, pela literatura, a realidade, condensando em si mesma enquanto reprodução miniatural do mundo os vários mundos de que participa e em que cada um lerá de acordo com uma tradição, sabendo-o ou não, que

apresenta elementos comuns a outras tradições e que, também nessa medida, constituem em si mesmos uma forma de diálogo intercultural.

Em nota final, lembrarei com François Jullien, não tanto o da sinologia mas sobretudo o da reflexão filosófica em *De l'Universel, de l'uniforme, du commun et du dialogue entre cultures* (2008), que a categoria do universal não tem de circunscrever-se ao uniforme (o da globalização, o da redução da cultura a um epifenómeno), sendo antes de mais o viver em *comum* (sem apagamento, síntese ou complementaridade: de que os direitos do homem são acabado e consensual exemplo). Lembrarei ainda com Longxi que nisso assenta a “recognition of the shared, the common and the same in the literary and critical traditions of the East and the West beyond their cultural and historical differences” (2007: 191), assim recuperando a ideia de “uno e diverso” que está na base da ideia de comparatismo de Guillén. Da sua condição duplamente periférica, Macau torna-se um centro para o encontro com tempos e espaços outros, um lugar de trânsito movente entre o utópico e o heterotópico, que aqui tomei como emblema da condição de exílio transcendente do crítico literário, de que falava Auerbach, para quem o lar filológico de todos nós não é a nação mas tem de ser, afinal, a terra inteira como mapa da criatividade humana (1969). A curiosidade gonzaguiana terá de ser expressão ainda dessa virtude humanística da *curiositas*, capaz de revelar até o aparentemente anódino como portador de significado e de proceder à infatigável compilação dos achados do mundo.

Bibliografia

- AUERBACH, Eric. 1969. Philology and “Weltliterature”. *The Centennial Review* vol. 13, n. 1: 1-17.
- BARTHES, Roland. 1984. *Le Bruissement de la langue*. Paris : Éditions du Seuil.
- BENJAMIN, Walter. 1968. *Illuminations*. Nova Iorque : Harcourt, Brace&World.
- FOUCAULT, Michel. 1984. Des Espaces Autres. *Architecture, Movement, Continuité* 5: 46-49.
- GOMES, Luís Gonzaga. 1952. *Curiosidades de Macau antiga*. Macau: Instituto Cultural de Macau.
- GUILLÉN, Claudio. 1993. *The Challenge of Comparative Literature*. Cambridge: Harvard University Press.
- JULLIEN, François. 1995. *Le Détour et l'accès. Stratégies du sens en Chine, en Grèce*. Paris : Grasset.
- _____. 2008. *De l'universel, de l'uniforme, du commun et du dialogue entre les cultures*. Paris : Fayard.
- LONGXI, Zhang. 1992. *The Tao and the Logos. Literary Hermeneutics, East and West*. Londres: Duke University Press.
- _____. 2007. *Unexpected Affinities. Reading across Cultures*. Toronto: Toronto University Press.
- LOTMAN, Iuri. 1998.
- NUSSBAUM, Martha. 1992. Human Functioning and Social Justice: in Defense of Aristotelian Essentialism. *Political Theory* vol. 20, n. 2, 202-246.
- SANTOS, Boaventura Sousa. 1994. Modernidade, identidade e cultura de fronteira. *Tempo Social* 5 (1-2): 31-52.
- TODOROV, Tzvetan. 1970. *Introduction à la littérature fantastique*. Paris : Éditions du Seuil.